

MORRE, DESGRAÇADO

Toda noite ele sai do serviço, passa no boteco, chega bêbado em casa. Na pobre de mim se vinga do patrão e do preço das coisas. Doze anos casada, são dez que qualquer motivo apanho.

Na última noite brigou porque, ajoelhada diante da capelinha, ouvia a missa pelo rádio.

Olhinho vesgo, narigão vermelho, aos berros:

— Está rezando, sua bruxa? Que eu largue da cachaca?

— Olhe as crianças, João.

— Já sei que põe vidro moído no meu pão.

Arrancou o rádio da parede, rebentou no chão, pisou em cima.

— João, não faça isso. É pecado. Oh, meu Deus.

Pecado foi o murro aqui no olho, nem sei como não furou — em três pedaços o meu óculo de costura.

— Pare, João. Olhe as crianças. Na frente delas, não.

Me cobriu a cabeça de soco e palavrão.

— Bem cansado. Quero dormir.

Sentou-se na cama e chamou a escrava, que lhe tirasse o sapato. Ressabiada, fiquei de joelho. Rindo, me beliscou o biquinho do peito — ai, que dor! O piá de ano e meio não desmamei.

Fui pegar o segundo sapato, um coice me jogou contra a parede. Não contente, passou a mão no rosário pendurado na cabeceira, malhou a minha cabeça, só conta negra por todo canto.

— Corra, mãe. Que o pai te mata.

Era a Rosinha, esse anjo de sete anos, ali na porta do quarto. Alcancei no berço o menorzinho e corri para fora. Rindo e tropeçando, o João foi atrás. No quintal me agarrou pelo vestido. Mais soco e pontapé.

Chorando, a Rosa abraçou as pernas do pai.

— Não surre a mãe. Paizinho, não surre mais.

Zonzo, atropela a menina, que bateu a nuca no degrau. Fui acudir a pobrezinha, me acertou um bruto sopapo.

— Vá dormir, João. Por esta noite chega.

Eu, desgracida, beijasse as mãos da Rosinha.

— Graças a ela, você está viva.

Rasgou a barra do vestido, outro pontapé com toda a força.

— Responda, bandida. Uma palavra só. Todinha te arrebento.

Apanhou na cozinha o litro de álcool e, espirrando as paredes e o chão, que botava fogo na maldita

casa. Fez que riscou um fósforo. Me obriguei a voltar.

Ai, por que não fugi? Pegou a vassoura atrás da porta e me encheu de pancada. Me desviei, a criança ali nos braços, o cabo deu no canto da mesa e se quebrou.

— Aí, cavala. Viu o que fez? Agora me paga.

Sobre a mesa achou a faca de ponta e veio de novo. Tentando escapar, corri para os fundos. Gritei que a menina pedisse socorro no vizinho.

Não teve jeito, já me alcançava. Agarrou pelo cabelo, acertou uma facada no braço direito. Consegui entregar à Rosa o menino que soluçava baixinho.

— Fuja, Rosa. Leve daqui o anjinho.

Novos pontacos na perna e no braço. Mão ferida, pingando sangue, eu aparava os golpes.

— Chega, homem de Deus. Me larga, João. Ó Deus, quem me acode?

Já me arrastava pelo cabelo. Com a outra mão encostou na garganta a ponta da faca.

— Ai, ai, João. Tudo eu faço. O que você quiser.

Tudo o que ele fazia com as mulheres da rua.

— Peça perdão, assassina da minha alma.

— Tudo, João. Só não me mate.

Em resposta um corte fundo, desta vez na orelha. Me apertou contra a parede e riscou a faca no pescoço.

Vi a morte nos olhos, achei força de empurrá-lo. João cambaleou, alcancei uma acha de lenha. Bati duas vezes na cabeça dele, que derrubou a faca. Tonto e fraco, caiu de joelho.

— Me mate, mulher. Senão você morre.

Saía sangue pelo nariz e a boca. Meio que se apur-
mou:

— Se me levanto, diaba, é o teu fim.

Suspendi a acha, fechei o olho, dei o terceiro gol-
pe.

— Morre, desgraçado.

A força de mãe foi que me valeu.